

REFLEXÕES SOBRE DESIGUALDADE À LUZ DE FRANÇOIS DUBET

Autores: AMANDA FREITAS SOUZA;

Introdução

O debate em questão traz à tona o tema da desigualdade e suas possibilidades de análise. Deste modo, o presente resumo tem por objetivo analisar as reflexões apresentadas no artigo “As Desigualdades Multiplicadas”, de François Dubet, publicado no ano de 2001. Neste trabalho, o autor analisa a dupla natureza das desigualdades por meio do conjunto de processos sociais que as envolve com base nas percepções de dois autores: Alexis de Tocqueville e Karl Marx. Percebe-se ser fundamental uma ampliação do entendimento sobre as desigualdades e suas diversas formas de expressão, portanto, este resumo se justifica pela importância que o tema ganhou nos últimos anos. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica.

Material e métodos

Para a elaboração deste resumo utilizou-se da análise crítica do artigo “As Desigualdades Multiplicadas”, de François Dubet.

Resultados e discussão

Dubet inicia o debate evidenciando que, na visão de Tocqueville, a modernidade é identificada como o irredutível triunfo da igualdade, igualdade esta que não se refere à equiparidades sociais ligadas às condições de vida, mas relacionada ao *status de princípio*. Os indivíduos, então, não poderiam encontrar justificativas nas desigualdades fruto de descompassos histórico-sociais, pois todos teriam as mesmas oportunidades e os mesmos direitos.

O outro caminho de análise proposto pelo autor é a abordagem na visão de Karl Marx. Para Marx, as desigualdades estão intimamente ligadas à luta de classes e à extração da mais-valia a partir do trabalho do proletariado. As desigualdades de classes comporiam a espinha dorsal, a estrutura das sociedades modernas capitalistas e seria útil à manutenção destas.

As classes e as desigualdades de classes são não só aquilo que precisa ser explicado, mas são, sobretudo, o que explica a maior parte das condutas sociais e culturais. (...) as relações entre as classes são também consideradas como relações de dominação e as classes sociais vistas como movimentos sociais, como atores coletivos, graças a uma consciência dos conflitos sociais. (Dubet, 2001, p. 6)

As relações de classe de que trata Marx, bem como os conflitos entre elas, explicariam as diversas características que compõem uma sociedade. Já na proposta da visão funcionalista, por exemplo, a igualdade democrática e as desigualdades fruto da sociedade capitalista seriam vistas como naturais e as contradições provenientes dessa dicotomia dariam origem à formação de um Estado com papel de provedor, bem como de sistemas de proteção social. O trabalho seria, ao mesmo tempo, objeto de coesão e de contradição.

Dubet coloca que a igualdade proposta por Tocqueville é observada, de fato, por meio de algumas características do mundo globalizado moderno, entendidas como a “ampliação da igualdade sob forma de homogeneização da sociedade” (Dubet, 2001, p.8). Algumas dessas características seriam: a dissolução da classe operária no universo das classes médias, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a possibilidade de mobilidade estrutural. Uma nova maneira (imprecisa, por sinal) de se referir aos excluídos, bem como o acesso facilitado e massivo aos bens de consumo e de serviços, demonstra uma democratização – porém, em análises mais microscópicas, ela é segregativa, hierarquizada, nessa nova sociedade que substituiu as barreiras por níveis. Consequência disso é o deslocamento da questão social que em muito se assemelha ao que se via na época da sociedade industrial.

François Dubet explica que relações de classe se estabelecem nos níveis societários dos que precisam competir para garantir espaço, dos que já são protegidos pelo nível privilegiado em que se encontram e dos excluídos assistidos pelas políticas sociais que se esforçam para conquistar certa autonomia. Segundo Dubet, “às desigualdades que opõem esses mundos se acrescentam às desigualdades internas a cada um deles e, sob este aspecto, as pessoas vivem num duplo registro de desigualdades” (Dubet, 2001, p.10), ou seja, é um ciclo infundável de reprodução das discrepâncias sociais. Quanto mais aparenta haver uma homogeneização social, mais acirradas se mostram as desigualdades entre as classes.

O autor observa que as desigualdades são, de fato, múltiplas, quando suas características “pré-modernas” são revestidas por uma nova roupagem e que elas se reproduzem na medida em que acontece o desenvolvimento de movimentos sociais (lutas feministas, movimentos comunitários, etc.) antes não tão evidentes. O desejo de igualdade de oportunidades e direitos é fortalecido de um lado, enquanto, por outro lado, novos abismos e diferenças se consolidam. Para Dubet, mesmo as mulheres conquistando espaço no mercado de trabalho, por exemplo, isso não elimina grande parte das desigualdades sociais que as atinge: há a inserção, mas permanece a discrepância salarial, a segregação na ocupação de cargos, a reprodução da misoginia e de outras opressões. Seria o equivalente a uma “emancipação segregativa”, a perpetuação da chamada *microdesigualdade*.

O autor coloca que as provas da igualdade podem ser definidas em configurações específicas, sendo elas: a) *A consciência infeliz*: a autorresponsabilidade é característica da igualdade. O indivíduo que não alcança os resultados desejados não encontra na sociedade desigual a válvula de escape para culpabilizar seus fracassos, pois tudo é resultado de seu esforço pessoal; b) *O desprezo*: o desejo de autonomia vem acompanhado da importância do reconhecimento. Se todos são tidos como iguais, não há razão para competição, porém as intenções narcisistas humanas são lugar ao desprezo; c) *Retirada e violência*: quando há valores pessoais em jogo, estratégias são construídas e indivíduos se recusam a participar dos processos para que não corram o risco de serem postos à prova. Opta-se pelo conformismo ou mesmo pela violência a fim de manter a sobrevivência e obter um equilíbrio precário.

É muito presente nos tempos atuais a dicotomia entre a afirmação da igualdade entre os indivíduos e as expressões das múltiplas desigualdades das situações e relações sociais. A aspiração de igualdade defendida pela democracia e que ‘vende’ o modelo de indivíduo livre, dono de si e que fez a si mesmo, não consegue assegurar, de fato, essa ideiação. Há a competição entre os iguais bem como houve um estreitamento das desigualdades (em certos pontos de vista), porém a equidade não é uma concretude.

Existe tensão entre o lado da igualdade e o da desigualdade e essa tensão aumenta conforme a igualdade democrática se desenvolve concomitantemente com o mercado e a meritocracia.

Considerações Finais

É possível depreender, portanto, que mesmo havendo uma integração progressiva dos indivíduos nas mais variadas esferas da vida social, isso não acaba com as desigualdades e não se configura uma inclusão plena, homogênea. As pessoas ‘integradas’ já tem destino; há lugares que conseguem ou não ocupar. Os novos movimentos e lutas, aparentemente emancipadores, são microscopicamente novos redutos de desigualdades, e dentro deles, novas diferenças de reproduzem. É importante ressaltar, também, que o processo de acolhimento desses indivíduos ocorre segundo a lógica e a demanda do mercado e do capital – ele quem dita a integração e assimilação (ou não) dos indivíduos e grupos. Conforme o autor ressalta, “a descrição das desigualdades é inesgotável!” (Dubet, 2001, p.12).

A análise das múltiplas desigualdades mostra que elas não podem ser reduzidas apenas a heranças ou posições de classe e são, muitas vezes, reproduzidas por políticas ou práticas que visam minimizá-las. As diferentes esferas da vida social acrescentam às desigualdades sociais suas próprias desigualdades, e os serviços, os modos de ser para com o outro não são iguais, e mesmo que, se ofertados de maneira semelhante, não são suficientes para produzir igualdade.

A partir da visão dos indivíduos como atores sociais, eles se identificam de formas diferentes, conforme a esfera da vida que é analisada e a identidade escolhida. O trabalho de construção da multiplicidade de registros das desigualdades também ocorre com os movimentos sociais nos dias de hoje, sem que esse caráter multifacetado se sobreponha uns aos outros.

Referências bibliográficas

DUBET, François. *As desigualdades multiplicadas*. Revista Brasileira de Educação. 2001, n.17, pp.5-19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a01>>. Acesso em: 30 Set. 2016.